

# O saldo do desperdício

**C**ONCLUIR os 105 Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), como pretendeu o Presidente Fernando Collor, custaria aos cofres da União Cr\$ 1,3 bilhão. E construir os 216 previstos para se completar o Programa Especial de Educação, lançado em 1983 pelo Governador Leonel Brizola, levaria mais Cr\$ 2,8 bilhões. Ao todo, Cr\$ 4,1 bilhões, para atender a uma parcela minguada da população escolar de Primeiro e Segundo Graus servida pelas 2.710 escolas da rede pública estadual.

**É** A informação que a Secretaria estadual de Educação e a Empresa de Obras Públicas do Estado (Emop) vão passar ao Governo federal, para que este pondere melhor o que encarara como um investimento promissor: pelo preço da conclusão dos 105 Cieps poderiam ser construídas 429 escolas moduladas.

**O** DESPERDÍCIO de dinheiro público que seria agora a conclusão dos Cieps leva inevitavelmente à pergunta: o que não vale a pena concluir terá jamais valido a pena começar? E, à parte essa desproporção desmedida entre

custo e benefício, os Cieps representaram algum programa de educação?

**O** QUE parece ter sobrado dos Cieps é o visual. E vê-los acabados deve satisfazer mais à complacência no padrão estético que eles criaram e fixaram que ao empenho em democratizar a educação e em fazer da escola pública um instrumento de redução das desigualdades sociais. Porque o desperdício não é magnanimidade; ele é predicado da arrogância. E esta é visceralmente elitista.

**PRONTOS** ou em construção, ficou evidente quanto os Cieps eram destinados a peças publicitárias de uma campanha eleitoral. Cuja proposta política farsesca os custos desmascaram: eles não reduziram as desigualdades sociais; aguçaram-nas. Eles se ergueram, fechando-se os olhos sobre a manutenção do terceiro turno em tantas escolas públicas — fazendo, portanto, da escola em tempo integral um privilégio flagrante. Eles surgiram, novos em folha, enquanto outros prédios escolares eram abandonados à própria deterioração. E eles sequer se adequaram, com a

jornada escolar de oito horas, às peculiares condições socioeconômicas das comunidades carentes em cujo meio se instalaram.

**NÃO** HOUVE, portanto, aqui no Rio de Janeiro, o equívoco freqüente de certas autoridades educacionais, que priorizam a construção de prédios escolares modelares sobre a concepção da educação pública e seu aprimoramento. O que em outros é equívoco e despreparo, aqui foi intencional e premeditado: o programa dos Cieps foi uma fachada. Porque não se viu viabilizado centro algum de excelência em matéria educacional, a justificar o qualificativo de especial; e porque tal educação pública se restringiu na oferta, na proporção em que soube concentrar os recursos.

**POR** mais que se reclamasse da herança pedagógica de Anísio Teixeira, faltou concepção aos Cieps. Em compensação, sobrou o cartão-postal; ou o pano de fundo para uma promoção política, pela televisão. É sempre negativo o saldo do desperdício.